



REGULARIZAÇÃO DISCURSIVA, AUTORIA E PEDAGOGIA: aproximações à luz da Análise do Discurso

Fabíola Ponzoni Balzan*

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão sobre regularização e autoria no processo educativo a partir da análise das marcas discursivas presentes em enunciados de estudantes de uma disciplina do curso de Pedagogia. Os recortes discursivos deflagram a presença das marcas discursivas ‘é necessário e é preciso’ no discurso dos estudantes. Parto do pressuposto de que os vestígios deixados no fio intradiscursivo permitem fazer emergir o interdiscurso e com ele os conflitos e as contradições inerentes à constituição do sujeito e de seu dizer. Quando esse sujeito está na posição de professor, o seu discurso passa, então, a ser guiado pelo discurso da formação acadêmica. É possível, portanto, ver o conflito e a contradição de vozes de diferentes lugares evidenciadas por um lado através da teoria e, por outro, da prática didático-pedagógica. Logo, levar em conta a heterogeneidade que constitui o sujeito e o seu dizer pode auxiliar na compreensão do complexo processo educativo. O gesto de interpretação se dá pelas noções teóricas que envolvem a análise de discurso (AD) de origem francesa em interface com a desconstrução, relacionando o linguístico, o ideológico e o inconsciente à constituição do sujeito e de seu discurso. Tal referencial busca o estranhamento de sentidos naturalizados pela linguagem. Aponta à heterogeneidade do sujeito e do discurso e concebe que os sentidos são produzidos pelos sujeitos sob condições sócio-históricas, mediante o uso da língua, sendo formulados a cada enunciação, numa dinâmica de significação que se abre a novos sentidos.

Palavras-chave: Pedagogia. Regularização. Autoria. Análise de Discurso.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas

* Doutoranda em Educação PPGEDU/UFRGS. Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul/RS FAACS. Professora da rede municipal de Ensino de Caxias do Sul/RS.

em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras,
expressões e proposições são produzidas.

Michel Pêcheux

1 E, PARA COMEÇAR, ...

(Re)pensar sobre regularização discursiva, autoria e efeitos de sentido é, para mim, muito desafiador por uma série de razões. A primeira e a mais significativa delas, nesse momento, é a dificuldade em lidar com esses conceitos complexos. Por vontade, estou sendo conquistada pela tessitura teórica da Análise do Discurso (AD). Por vezes, me lanço a voos teóricos mais altos. Esse movimento (ser conquistada e conquistar) faz com que eu aprenda e me desenvolva de forma entusiasmada. Assim sinto-me amparada para enfrentar as novas e futuras aprendizagens. Enfim, vivenciar processos de aprendizagem me faz feliz. Como ser diferente? Sou pedagoga e acredito que uma das belezas da vida é, justamente, a capacidade que temos de aprender e aprender a ensinar, junto aos colegas educadores e aos estudantes, sobre as coisas do mundo. Uma segunda razão diz respeito ao fato de já existirem várias pesquisas e estudos sobre esses temas. Portanto, uma produção de caráter inovador não será apresentada nesse estudo. Mesmo assim, insisto em abordá-los, já que acredito que problematizar discursos pedagógicos à luz da AD pode contribuir para compreensão dos papéis que os sujeitos-estudantes exercem enquanto licenciandos.

Os recortes discursivos anunciados aqui, e com os quais me ocuparei de agora em diante, são parte dos registros solicitados por mim aos sujeitos-alunos da disciplina Introdução aos estudos da Educação de um curso presencial de Licenciatura em Pedagogia. A atividade desencadeadora, produzida em sala de aula, previa que os sujeitos-alunos respondessem a questões sobre os conteúdos estudados durante o semestre letivo. Entre muitos aspectos possíveis de serem analisados no *corpus*, um me chamou atenção, de forma especial: a presença das marcas linguístico-discursiva ‘é preciso e é necessário’.

Nesse trabalho, busco ‘tocar’ nos fios que constituem o “tecido do dizer” dos sujeitos-alunos, a partir dos efeitos de sentido produzidos pela regularização no/do discurso da formação dos sujeitos-alunos por acreditar que nos remeta a revisar o papel deles nos cursos de Licenciatura como curso de (trans)formação de sujeito-professores. Aliado a isso, problematizo a noção de autoria, analisando implicações desses questionamentos para o tratamento da produção textual, em sala de aula, do curso de Licenciatura em Pedagogia.

O gesto de interpretação é guiado pelas noções teóricas que envolvem a Análise de Discurso (AD) em interface com a desconstrução, relacionando o linguístico, o ideológico e o inconsciente à constituição do sujeito e do seu discurso. A metodologia constrói-se na relação

entre o interdiscurso (memória discursiva) e o intradiscurso (linearidade do dizer). Parto do pressuposto de que os vestígios deixados no fio intradiscursivo permitem fazer emergir o interdiscurso e com ele os conflitos e as contradições inerentes à constituição do sujeito e de seu dizer.

Para produzir um efeito de sentido de introdução a esse trabalho, mapeio o que será desenvolvido a seguir. Inicialmente, desenvolvo a fundamentação teórica do estudo. Em seguida, procedo à análise do funcionamento discursivo. Por último, teço comentários sobre o que a análise apontou.

2 TESSITURA TEÓRICA

O suporte teórico desse estudo é a Análise de Discurso de origem francesa. Essa referência articula o linguístico, com o social e o histórico. Assim, a linguagem é entendida como um objeto a ser estudado não apenas tendo em vista o interior (forma linguística). Também atenta-se ao seu exterior (forma material da ideologia). De acordo com Pêcheux, a língua não é transparente, homogênea. É compreendida como passível de equívocos, falhas, deslizos, relacionada à ideologia na medida em que materializa e regula sentidos e é articulada a uma determinação histórica. Sujeito e sentido se constituem no discurso. Portanto, não pré-existem. Tendo em vista o pressuposto de que o sentido não está na palavra, o sujeito-aluno, ao enunciar, traz à tona uma história, uma ideologia. Os seus enunciados produzem efeitos de sentido a partir de gestos de interpretação realizados pelo sujeito e são dependentes de sua posição na cadeia discursiva. O sujeito-aluno está filiado a uma memória histórica, ideológica que o constitui e que ele retoma toda vez que coloca a língua em movimento.

Pêcheux (2010, p. 52), afirma que “[...] a regularização discursiva tende assim a formar a lei da série do legível, é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo [...]”.

Orlandi (1996) afirma que há três tipos de discurso em seu funcionamento: o lúdico, o polêmico e o autoritário. Para a realização desse trabalho, levarei em conta o tipo autoritário o qual caracteriza o discurso pedagógico. Esse discurso sustenta um dizer institucionalizado que o origina e para o qual tende. Portanto, essa autora apresenta o discurso pedagógico como circular, porque produzido na escola e para a escola. Dentro dos limites discursivos da escola, é o sujeito-professor que garante e mantém a circularidade. Isso se dá, principalmente, através da avaliação (restrita à aplicação da temida prova). Como não há interlocutores, todos os discursos são controlados pelo sujeito-professor.

Como já anunciado, para problematizar o conceito de autoria, parto do pressuposto de que o trabalho com e sobre a linguagem não é suficiente para que o sujeito-aluno se torne autor de seus textos. De acordo com a AD, o sujeito somente se constitui enquanto autor quando legitimar seu discurso. Para que isso ocorra, ele reconhece quais lugares sócio-ideológicos produzem sentidos. E, ainda, se desvencilha da formação discursiva na qual está inserido (engessado) e se inscreve em outra. Então, além de produzir um trabalho com e sobre a língua, se remete para fora da circularidade de discursos didático-pedagógicos já cristalizados.

De acordo com Tfouni (2001, p. 83),

[...] o sujeito ocupa a posição de autor quando retroage sobre o processo de produção de sentidos, procurando “ amarrar” a dispersão que está sempre virtualmente se instalando [...] o sujeito efetuou um movimento de retorno ao enunciado e pode, assim, olhá-lo de um outro lugar.

Dessa forma, pode aproveitar a ambiguidade constitutiva da linguagem, questionar a ordem do enunciável prevista para seu discurso e inscrever-se em outra.

Orlandi (1996) atribui as funções enunciativas do sujeito (locutor, enunciador) à função que o eu assume enquanto produtor de linguagem. A função-autor se instaura na medida em que o produtor de linguagem assume a origem daquilo que diz, tendo a ilusão de unidade, de coerência, de não-contradição, tornando-se responsável pelo fechamento do texto. Em outras palavras, o autor é o sujeito que “[...] tendo domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel, na ordem social em que está inserido [...] representar como autor é assumir, diante da instituição escolar e fora dela esse papel social, na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor” (ORLANDI, 1996, p.79).

Nesta perspectiva, a “[...] função – autor’ realiza-se toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, progressão, não contradição e fim [...]” (ORLANDI, 1996, p.69), sendo cobrado e devendo responder pelo que diz e escreve, pois se supõe que esteja na origem do dizer. A autoria identifica-se à memória histórica, constituindo um ‘gesto de interpretação’, implicando filiação a uma matriz discursiva que se torna dominante e com a qual o sujeito se identifica.

A partir de agora, chamo, para composição do quadro teórico, outros dois autores, que ao lado de Pêcheux constituem-se marcos importante para o estudo da autoria. Se não o fizesse, esse trabalho correria o risco de estar incompleto, no mínimo. São eles: Bakhtin e Foucault. Para o primeiro, o autor é um sujeito que faz escolhas linguísticas para produzir determinados efeitos de sentido. Tais escolhas, vale destacar, são mais ou menos conscientes

e as origens dessas escolhas e a legitimação desse trabalho não têm importância. Para Foucault (1992), é um sujeito disperso, pulverizado em outros sujeitos e se inscreve na ordem do enunciável para fundar uma discursividade. Assim, acredito que, embora com diferenças significativas, esses dois autores contribuem para a análise do princípio da autoria. Apesar disso, ambos exigem um trato cuidadoso devido, justamente, a essas diferenças.

Em seguida, passo a análise dos enunciados, levando em conta o que disse sobre efeitos de sentido e autoria.

3 TECENDO UMA POSSÍVEL ANÁLISE

Nesse trabalho, busco analisar os efeitos de sentido sobre as marcas linguístico-discursivas ‘é necessário e é preciso’ enunciadas pelos sujeitos-alunos.

Paralelo a isso, problematizo a noção de autoria, analisando implicações desses questionamentos para o tratamento da produção textual na sala de aula do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Frequentemente, nas produções discursivas de alunos licenciandos é comum encontrar a marca discursiva ‘é necessário e é preciso’. Observo no segmento E1, abaixo transcrito, a presença dessa marca.

(01) E1: ‘É preciso’ não perder a esperança, pois se buscamos uma escola para a vida é porque acreditamos e existe uma educação mais humana.

O sujeito-aluno, ao enunciar a marca, filia-se ao sentido da regularização. Produz o efeito de sentido de norma, de regra, de prescrição. Esse discurso é organizado a partir da exigência de se estabelecer a normatização da esperança. As expressões ‘escola para a vida e educação mais humana’, classificadas como os famosos “chavões pedagógicos”, acentuam o efeito de sentido do que é preciso ser feito, necessariamente – não perder a esperança.

Ainda, é possível analisar a marca da negação através do marcador *não*. Ele é um indicador da internalização de outros discursos (discurso dos sujeitos-professores, dos textos científicos estudados, de palestrantes, etc.). Assim, anuncia a pluralidade do discurso.

Na sequência discursiva abaixo, também é possível reconhecer as mesmas marcas produtoras de efeito de sentido de normatização.

(02) E2: ‘É necessário’ aproveitar todas as ocasiões para aprofundar e enriquecer os conhecimentos.

Nesse recorte, o sujeito-aluno também se filia ao efeito de sentido da normatização. Desse modo, é uma obrigação aproveitar tudo o que é oferecido ao licenciando na academia para que consiga aprofundar e enriquecer conhecimentos. É interessante, nesse estudo, pensar sobre o que é aproveitar alguma coisa que é oferecida. Como e através de quê é possível aproveitar algo? Portanto, se observa que tal conceito é de difícil operacionalização no processo ensino-aprendizagem, já que complexo e de natureza esquivada.

No terceiro recorte discursivo selecionado, mais uma vez, o sujeito-aluno anuncia o efeito de sentido da normatização.

(03) E3: Para uma convivência em sociedade ‘é sempre necessário’ que a educação esteja presente, pois começamos a aprender a partir do nascimento e vamos construindo conhecimentos no decorrer da vida.

Aqui, o advérbio ‘sempre’ potencializa a marca ‘é necessário’. O enunciado traz, para a materialidade linguística, outros discursos, ou seja, esse sujeito organiza seu discurso a partir de outros. A presença de outro ‘chavão pedagógico’ remete esse discurso aos discursos dos sujeitos-professores e dos textos estudados durante as disciplinas do curso de Licenciatura. De acordo com Brandão (2002, p.7), “[...] ninguém escapa da educação [...]”, ou seja, a educação é inevitável. O referido autor explica que todos têm educação, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela, misturamos vida com educação. Então, qual é o efeito de sentido de educação anunciado na formulação acima?

Vale salientar que apesar de os sujeitos-alunos que produziram esses discursos terem incorporado vozes já legitimadas pelo sistema educacional, isso não garante o status de autor. Posicionando-se discursivamente dessa forma, o sujeito-aluno ratifica ainda mais o já validado pela academia.

Levando em conta os pressupostos da AD de origem francesa, o sujeito se constitui autor a partir do momento em que legitimar seu discurso. Para que isso aconteça, a atuação do sujeito com e sobre a língua e estar na origem da discursividade não são condições suficientes. A partir dessa tessitura teórica, a condição é a de que o sujeito reconheça de que lugar sócio-histórico produz sentido e que se desvencilhe da formação na qual está inscrito para se inscrever em outra.

4 POSSÍVEIS ARREMATES FINAIS

Pelos gestos de interpretação que procedi, é possível reconhecer o efeito de sentido da normatização através das marcas ‘é necessário’ e ‘é preciso’ no relato dos sujeitos-alunos ao escreverem em sala de aula. Ao se filiarem a essa formação discursiva, os sujeitos-alunos inscrevem-se no já dito por outros sujeitos e/ou textos estudados. As práticas discursivas analisadas são mediadas por discursos pré-constituídos. Portanto, os sentidos dominantes produzem paráfrases. Por outro lado, o Ensino Superior, via de regra, espera que os estudantes reproduzam os discursos legitimados como adequados. Caso inscrevam-se em outra formação discursiva, poderão sofrer sanções (nota baixa, reprovação, etc.). Portanto, resta a reprodução do discurso didático-pedagógico.

Sendo assim, não há estabelecimento de autoria, embora todos os recortes analisados aqui estejam assinados pelos seus enunciadores. A assinatura, o nome próprio, por si só, não garantem o status de autor. É preciso mais. Atuar sobre e com a língua é fundamental, porém para a AD, insuficiente, já que a postura didático-pedagógica do professor requer, nesse contexto, que a língua seja experimentada enquanto estrutura e acontecimento (Pêcheux, 2008), ou seja, ela não é entendida como transparente e homogênea. Desse modo, falhas, brechas, contradições seriam bem-vindas denunciando o funcionamento da língua. O licenciando poderá, então, constituir-se como sujeito habilitado a deslocar-se para outras posições discursivas, transitar por elas a fim de posicionar-se interpretando.

Através da contribuição de Foucault, o sujeito transforma-se em autor quando inscreve o seu discurso na ordem do enunciável, no verdadeiro da época fundando uma discursividade.

Objetivando enunciar um efeito de sentido temporariamente conclusivo para esse estudo, observo que problematizar os pressupostos do discurso didático-pedagógico poderá constituir-se em um meio para que sujeitos-estudantes (re)pensem e (re)construam seus papéis no curso de Licenciatura em Pedagogia, favorecendo a compreensão de procedimentos de interpretação inscritos no verdadeiro de nossa época.

DISCURSIVE REGULARIZATION, AUTHORSHIP AND PEDAGOGY: approaches in the light of discourse analysis

ABSTRACT¹

¹ Revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

This work proposes a discussion of regularization and authorship in the educational process from the analysis of discursive marks present in the statements of students in a discipline of Pedagogy. The discursive clippings trigger the presence of discursive marks ‘is necessary’ and ‘is needed’ in the speech of students. I assume that the traces left on the wire of the ‘intraspeech’ allow to emerge the conflicts and the contradictions inherent in the constitution of the subject and his saying. When this subject is in the position of a teacher, then his speech is guided by the discourse of the academic training. It’s possible, therefore, to see the conflict and the contradiction of voices from different places highlighted, by a hand, through the theory and, by the other, through the didactic-pedagogical practice. So, taking into account the heterogeneity that constitutes the subject and his saying can assist in understanding the complex process of education. The gesture of interpretation is given by the theoretical notions that involve discourse analysis (DA) of French origin in interface with the deconstruction, relating the linguistics, the ideological and the unconscious to the constitution of the subject and his speech. Such reference seeks the estrangement of the senses naturalized by the language. It points to the heterogeneity of the subject and conceives that the speech and the senses are produced by the subjects under socio-historical conditions, through the use of the language, been formulated on each utterance, in a dynamic of meaning that opens new directions.

Keywords: Pedagogy. Regularization. Authorship. Discourse Analysis.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 3.ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Ed. Vega. 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1993.

MUTTI, R. M.V. O primado do outro sobre o mesmo. In: INDURSKY F; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

ORLANDI, E. P. **Interpretação, autoria e efeitos do trabalho simbólico**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

TFOUNI, L. V. A dispersão e a deriva na constituição do sujeito da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2001. p.77-94.